

Música, Artes Liberais e transcendência em Agostinho de Hipona (354-430)

Música, Arts Liberals i transcendència a Agustí d'Hipona (354-430)

Música, Artes Liberales y transcendencia en Agustín de Hipona (354-430)

Music, Liberal Arts, and transcendence in Augustine of Hippo (354-430)

Luiz Cláudio Luciano França GONÇALVES¹

Abstract: The dialogue *De musica* (387/391) is part of the unfinished project of the *Disciplinarum libri*, undertaken by Augustine of Hippo (354-430) on the liberal arts. At the time, the author conceives the musical discipline as *scientia bene modulandi*, kind of knowledge that has as its goal the understanding of the transcendent signs that underlies and governs the corporeal world. Taken in its proper and worthy sense – as a science that rises beyond the sensitive sphere –, the art of music is dedicated to the revelation of the incorporeal nature that sustains the *modus* and, at the end, leads to contemplation of its transcendent source. It is an anagogical path, by which the soul, turned to its noblest activity, deciphers, through reason, the divine order inscribed in proportion and measure of the material world.

Keywords: Music – *Liberal Arts* – Transcendence.

Resumen: El diálogo *De musica* (387/391) integra el proyecto inacabado de los *Disciplinarum libri*, emprendido por Agustín de Hipona (354-430) en torno a las artes liberales. En esa ocasión, el autor concibe la disciplina musical como *scientia bene modulandi*, especie de saber que tiene como objetivo final la comprensión de los signos de la trascendencia que fundamenta y gobierna el mundo corpóreo. Tomada en su sentido más propio y digno – como ciencia que se eleva más allá de la esfera sensible –, el arte de la música se dedica a la revelación de la naturaleza incorpórea que sustenta el *modus* y, al final, conduce a la contemplación de su fuente trascendente. Se trata de un camino anagógico, por el cual el alma, orientada a su actividad más noble, descifra, mediante la razón, el orden divino inscrito en la proporción y medida del mundo material.

Palabras-clave: Música – *Artes Liberales* – Trascendencia.

¹ *Professor Adjunto* do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da [Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia \(UESB\)](http://www.uesb.edu.br), Brasil. E-mail: luiz.claudio@uesb.edu.br.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

ENVIADO: 24.09.2024
ACEPTADO: 10.07.2024

[...] *per visibile invisibile factum declaratur.*
Hugo de São Vítor (1096-1141)²

Introdução: contexto e sentido do diálogo *De musica*

Entre fins de 408 e início de 409, Agostinho escreve ao Bispo Memório uma carta, que seria conhecida posteriormente como *Epistola CI*. Trata-se de uma resposta ao amigo, que solicitara uma cópia do diálogo agostiniano *De musica*, elaborado alguns anos antes. Em trecho da carta, Agostinho declara, sobre o contexto da produção do escrito: [...] *volui per ista, quae a nobis desiderasti, scripta proludere, quando conscripsi de solo rhythmmo sex libros, et de melo scribere alios forsitan sex, fateor, disponebam, cum mihi otium futurum sperabam.*³

Sabe-se, assim, que o conteúdo que hoje conhecemos foi concebido como a parte inicial – dedicada ao ritmo (*rhythmus*) – do plano agostiniano de pesquisa em torno da arte liberal da Música. Outra parte, jamais escrita, seria dedicada à melodia. Alguns anos mais tarde, nas *Retractationes*, Agostinho faria um breve registro adicional a respeito do mesmo assunto, trazendo observações acerca do escopo e das circunstâncias históricas em que o material teria sido produzido.⁴

² HUGO DE S. VICTORE. *De scripturis et scriptoribus sacris* (*Patrologia latina*, vol. 175. J. P. Migne, ed. Parisiis: excudebat Migne, 1854), [cap. III, 0012B](#).

³ “Então escrevi seis livros dedicados apenas ao ritmo e confesso que me dispunha a dedicar talvez outros seis à melodia durante o descanso que esperava haver de chegar.” – FAGUNDES, Claudiberto. *‘De musica’, diálogo filosófico de Agostinho de Hipona: introdução, tradução e notas*. Porto Alegre: Tese de Doutorado em literatura comparada, UFRS, 2014, p. 96; AUGUSTINUS HIPPONENSIS. “Epistola CI”. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 33, 61-1094.

⁴ AUGUSTINUS HIPPONENSIS. “Retractationes”, I, VI. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 581-656; SANTO AGOSTINHO. *Retratações* (trad.: Agostinho Belmonte). São Paulo: Paulus, 2019, p. 34.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

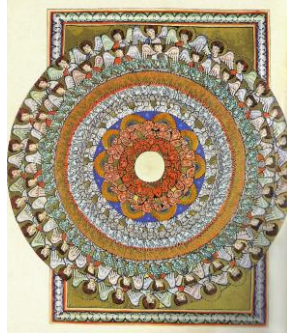
Combinadas as informações da *Epistola CI* e das *Retractationes*, sabemos, assim, que o colóquio sobre a música começa a ser elaborado em torno de 387 e que, após ter sido retomado nos anos seguintes, é abandonado em virtude das obrigações eclesiásticas das quais Agostinho passa então a se ocupar. É provável que o material tenha sido postergado em Hipona, antes de sua ordenação sacerdotal (391).

O programa filosófico-pedagógico que sustenta a pesquisa acompanha uma longa tradição de origem grega pagã, e se insere no amplo horizonte histórico-cultural dos estudos em torno das disciplinas liberais, cujo conhecimento era, à época, indispensável à formação do homem culto, especialmente ao filósofo. O tema, de notável circulação nos meios letrados no século IV, aparentemente teria se tornado mais instigante a Agostinho após seu contato com a obra de Varrão, cujos escritos – a julgar pelas considerações do próprio Agostinho no segundo livro do diálogo *De ordine* – teriam sido estudados por ele e por seus colocutores, durante a frutífera temporada do retiro na *villa* de Cassiciaco, entre agosto de 386 e o início de 387.⁵

Ora, como revelam os trechos supracitados da *Epistola CI* e das *Retractationes*, o plano agostiniano do *ordo studiorum* não prosperou, não tendo sido concluídos sequer os estudos sobre a música. Além disso, não há indicações de que Agostinho tenha retomado a pesquisa após sua ordenação episcopal (395). De qualquer modo, nesse panorama, as reflexões sobre a música resultaram em um tratado basilar de rítmica e de métrica, e nos oferecem uma inestimável contribuição no sentido da compreensão do

⁵ AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De ordine”, II, V, 14-15. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 977-1020; SANTO AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos. A ordem. A grandeza da alma. O mestre* (trad.: Agostinho Belmonte). São Paulo: Paulus, 2008.

A estadia de Agostinho em Cassiciaco, em companhia de sua família e de amigos, propiciou fecundas discussões que foram registradas em um conjunto de obras seminais, os chamados diálogos filosóficos de Cassiciaco. São eles: *Contra Academicos*; *Beata vita*; *De ordine*; *Soliloquia*. Sabe-se que não apenas Varrão, mas os grandes clássicos latinos, inclusive os poetas (Virgílio, Terêncio...) formaram a cultura de Agostinho e dos homens letrados de seu tempo. Destaca-se sobre todos Cícero, mestre que “convertera” o jovem Agostinho à filosofia por meio de seu *Hortensius*. MARROU, Henri. *Saint Augustin et l'augustinisme*. Bourges: Éditions du Seuil, 1959, p. 15-18; 25.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

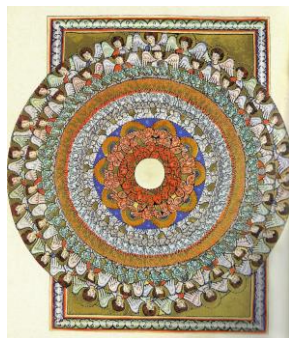
Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

papel desempenhado pela arte musical, não apenas nos limites da produção agostiniana, mas no ambiente intelectual da Antiguidade latina como um todo. Mas, principalmente, para além das valiosas instruções técnicas, Agostinho não deixa dúvidas acerca de sua compreensão do estudo musical: um caminho capaz de conduzir firmemente “ao incorpóreo por meio do corpóreo”, segundo os termos do trecho supracitado das *Retractationes*.

De fato, entre as artes liberais, a música se destaca como objeto de investigação que, no limite, é capaz de tornar perceptível a estrutura mesma do tecido transcendente que a ela se antepõe. O sentido dessa trajetória anagógica rumo ao incorpóreo Agostinho já o torna presente desde os primeiros passos da pesquisa, pela conformação do conceito de música, tarefa elementar que aponta, como veremos, significado para além da esfera material.

Numa visão de conjunto, *De musica* consolida, em seus seis livros, uma gradativa ascensão dialética que tem como ponto de partida o estudo das chamadas *litterae carnales*, o universo dos gramáticos e dos poetas⁶. Entre estes, tais estudos cumprem imprescindível função de trazer à luz, no ambiente próprio das disciplinas livres (*corporalia*), a vocação mais profunda da arte musical. Trata-se de um empenho no crescente cultivo da vida espiritual em direção à *incorporalitas*, o que corresponde a dirigir caridosamente o olhar ao Deus único e governante de todas as coisas. A via ascendente (cujos termos são, vale observar, de notável cariz neoplatônico neste período da produção agostiniana) pode ser compreendida, assim, como uma espécie de purgativo, pelo qual a alma passa do plano inferior ao plano superior, ou seja, da experiência sensorial à atividade excelente da *apex mentis*, do tempo à eternidade, dos sons musicais ao silêncio divino.

⁶ AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De Musica”, VI, I, 1. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194; AGOSTINHO, Santo. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021, p. 215.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

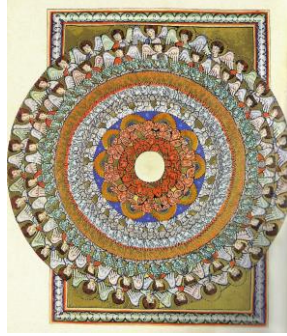
I. Ciência do bem modular e modulação conveniente

O conceito inicial de música é assim expresso no diálogo: *scientia bene modulandi*.⁷ Embora aparentemente clara e simples em sua apresentação, e em consonância com a tradição clássica, a definição proposta por Agostinho pode, por algumas razões, oferecer dificuldades ao leitor de nosso tempo. De fato, se tivermos em mente os significados atuais dos termos da fórmula, notadamente “ciência” e “modulação”, é bastante provável que as intenções do autor sejam compreendidas inadequadamente.

Em primeiro lugar, a definição inicial de música como “ciência do bem modular” nos diz que a música é uma espécie de saber. De fato, Agostinho reserva para um momento posterior as considerações em torno dessa *scientia*, o que não impede que, no interior desta expressão inicial possamos, provisória e tacitamente, compreendê-la *lato sensu*, à maneira clássica, simplesmente como saber racionalmente ordenado, fundado sobre certos princípios e passível de transmissão. Nesse panorama, a diferença específica do saber de tipo musical seria o “bem modular”. Ora, é preciso elucidar, portanto, no que consiste essa especificidade, uma vez que a presença do advérbio *bene* nos indicaria que há maneiras distintas de modular e que, entre elas, haveria uma que se distinguiria pela excelência.

Para o estudo efetivo da música como ciência torna-se indispensável, inicialmente, a devida compreensão do que Agostinho entende por modulação (e por bem modular). Na ocasião em que se procura a melhor compreensão da definição inicial de música, a ordenação interna das questões no diálogo se apresenta, portanto, da seguinte forma: em primeiro lugar, examina-se no que consiste a modulação e, ato contínuo, busca-se assinalar o sentido particular de *bene*, daquele “bem modular”. Tais etapas, como se verá, são necessárias ao exame do sentido próprio, científico, da arte musical, ocasião em que a investigação acerca da música é deslocada para a esfera das coisas incorpóreas.

⁷ AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De Musica”, VI, I, 1. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194; SANTO AGOSTINHO. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021, p. 30.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

O ponto é tratado no *caput* II da parte I do diálogo. Tão logo o Mestre (voz de Agostinho) expressa sua definição de música, o Discípulo se encarrega de instá-lo a esclarecimentos, alegando não ter elementos suficientes para concordar com a definição então apresentada: “*Videretur fortasse, si mihi liqueret quid sit ipsa modulatio*”.⁸ A objeção do Discípulo, ao destacar o conceito de modulação, revela que lhe parece exatamente este o termo mais problemático da fórmula. Na ocasião, o Discípulo, personagem que se mostra um colaborativo interlocutor, observa que “modular” deriva de “modo” (*modus*), o que já traria uma dificuldade elementar: algo simplesmente feito com modo já não seria, de início, algo bem-feito? Aparentemente sim.

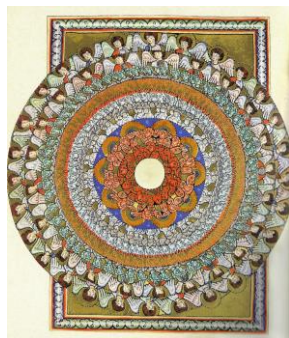
De fato, por princípio, fazer algo com modo significa precisamente fazê-lo “sob medida”, com proporção, o que significa levar algo a termo justo, consumir. Assim, indaga o Discípulo, por que seria necessário à definição acrescentar qualidade à modulação, uma vez que, onde quer que haja algo *perfectum*, há necessariamente algo feito com modo?

Neste ponto, Agostinho apressa-se em declarar que distinção assinalada pelo qualificativo *bene* não é, absolutamente, ociosa. Trata-se de uma advertência que prepara a resposta à objeção feita pelo Discípulo, e que assinala que a definição do saber de tipo musical se compõe, impreterivelmente, dos três elementos: “ciência”, “bem” e “modular”.

Itaque discutiamus primum quid sit modulari, deinde quid sit bene modulari: non enim frustra est definitioni additum. Postremo etiam quod ibi scientia posita est, non est contemnendum: nam his tribus, nisi fallor, definitio illa perfecta est.⁹

⁸ “Até concordaria, se a mim estivesse claro o que é modulação.” – SANTO AGOSTINHO. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021, p. 30; AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De Musica”, I, II, 2. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.

⁹ “Discutamos então, primeiro, o que é modular, depois, o que é modular bem, pois não foi à toa que se acrescentou o advérbio à definição. Por último, não se deve esquecer por que se introduziu aqui a noção de ciência: de fato, salvo erro meu, tal definição se perfaz com esses três elementos.” – SANTO



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

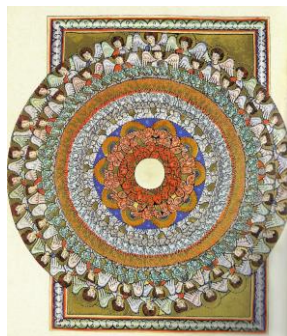
Mas se, de fato, a diferença específica do “modular bem” seria imprescindível à definição de música, no que ela consiste? Neste ponto, é retomada a noção de *modus*, mencionada há pouco pelo Discípulo: a modulação consiste, basicamente, em mover algo, imprimir-lhe movimento, situação em que é desejável que se cumpra sempre o modo, ou seja, que nada no movimento seja desmedido. Uma vez tendo-o admitido, diz Agostinho, fica claro que, onde houver movimento, é desejável comedimento. Assim, a modulação é definida como “*movendi quaedam peritia, vel certe qua fit ut bene aliquid moveatur. Non enim possumus dicere bene moveri aliquid, si modum non servat*”.¹⁰

Além disso, Agostinho observa que o movimento corporal envolvido na produção musical não é servil, ou seja, mesmo que possa produzir efeitos que lhe são exteriores, consiste em ação executada em função de si mesma, e não visando um produto. Daí a noção geral das artes liberais, livres, ou própria dos homens livres. Um contraexemplo seria o trabalho do artesão, que, ao modelar a matéria-prima – seja ela madeira, prata ou qualquer outra – empenha movimentos corporais que não têm um fim em si mesmos, pois seu propósito é a realização do objeto modelado. Diferente seria se o artesão movesse os membros pretendendo um movimento belo e elegante, pois, nesse caso, dir-se-ia que ele, na verdade, dança.

Estas últimas observações refinam a discussão pelo acréscimo do dado volitivo, envolvido na execução do movimento, cuja graça e harmonia visam deleitar. O gesto do músico engendra, por si só e livremente, seu espaço. Agostinho apresenta então, como conclusão do segundo *caput* do diálogo, uma segunda formulação, agora um

AGOSTINHO. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021, p. 31-32; AVGVSTINVS HIPONENSIS. “De Musica”, I, II, 2. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.

¹⁰ “[...] uma certa habilidade de mover, ou, em todo caso, para produzir algo que se mova bem. Pois não podemos dizer que algo se move bem se não observa uma medida.” – SANTO AGOSTINHO. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021, p. 31-32; AVGVSTINVS HIPONENSIS. “De Musica”, I, II, 2. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

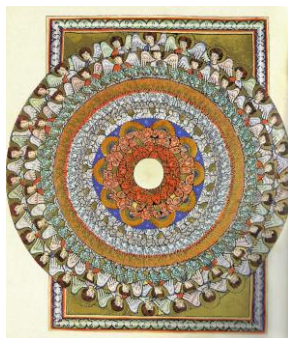
pouco mais completa, do conceito de música: “*Ergo scientiam modulandi jam probabile est esse scientiam bene movendi; ita ut motus per se ipse appetatur, atque ob hoc per se ipse delectet*”.¹¹

Não obstante, permanece viva a questão em torno da modulação: se “ciência do modular” e “ciência do bem modular” são o mesmo, qual o motivo da presença do *bene*, adendo que, aliás, Agostinho laconicamente declarou ser indispensável? Percebendo que o problema ainda persiste, e para atender de forma justa e convincente à questão da modulação, Agostinho indaga agora sobre os efeitos do movimento do ator no ambiente em que ocorre. A música, seu conteúdo e a cena pública em que é produzida são, a seguir, brevemente abordados em função da noção de conveniência, com o objetivo de explicitar a diferença específica indicada pelo *bene*.

Ora, há movimentos musicais numericamente bem arranjados, livremente executados e que, em razão disso, podem produzir deleite. São resultado da ação de um executante habilidoso, capaz de arranjar “artisticamente” (*artificiosose*) os sons, de modo a tornar o produto de sua ação, a música, um objeto de prazer. No entanto, estes mesmos movimentos, em razão de sua eventual inconveniência, podem não exceler. Isso ocorre porque o movimento referido por Agostinho não pode ser adequadamente compreendido se reduzido à perspectiva – para empregar o termo moderno – de uma *performance* musical.

O que está em questão não é exatamente o desempenho, nem o quanto de habilidade o ator demonstra, pois pode haver circunstâncias em que a boa medida e o caráter numérico agradem despropositadamente, ou seja, agradem quando não deveriam agradar (*quando non opus est*). Quando a circunstância ou o teor do que se canta exige austeridade, e o ator prefere, por exemplo, adotar uma postura burlesca, usa mal a

¹¹ “Logo, já é mui provável que a ciência do modular seja a ciência do bem mover, de tal sorte que o movimento se persiga por si próprio e, por isso mesmo, por si próprio venha a agradar.” – SANTO AGOSTINHO. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021, p. 33; AVGVSTINVS HIPONENSIS. “De Musica”, I, II, 2. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194; CHARRU, Philippe. “Temps et musique dans la pensée d’Augustin”. In: *Revue d’études augustinienes et patristiques*. v. 55/2. Paris: Sorbonne Université/IEA, 2009, p. 173.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Espirit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

modulação. Pode-se dizer que o caráter numérico do que ele executa é bom; porém, essa qualidade, ainda que seja intrinsecamente desejável, presta mau serviço, pois a música se apresenta como algo incongruente (*incongruenter*), inadequado, inconveniente ao juízo comum.¹²

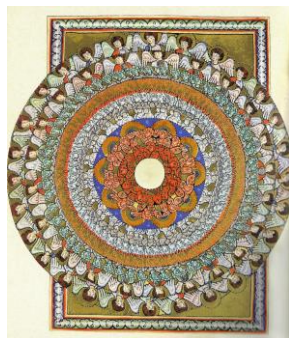
Advertência semelhante é feita por ocasião da revisão do diálogo em *Retractationes*. Ali, Agostinho diz que a alma deve assumir com dedicação a tarefa de se afastar do âmbito corpóreo para contemplar a inteligibilidade, pois a alma é tibia e pouco confiável para dedicar atenção às duas coisas ao mesmo tempo.¹³ Um navio com dois capitães está destinado ao naufrágio. Na ausência da disciplina, a alma, carente e suscetível, pode ser arrastada pela sedução dos números encerrados na matéria e, uma vez refém dos sentidos que deveria moderar, desordena-se e, em nome do contentamento vulgar, age de maneira inadequada.

Neste ponto, temos condições de ter uma visão um pouco mais completa do sentido da Música como arte liberal. Além de ser um saber que se empenha na excelência da medida corpórea, a música se relaciona também, no campo prático, com o movimento livre que pode provocar deleite. Em todo caso, deve prevalecer, acrescenta Agostinho, a adequação da música ao ambiente em que é executada. Como já se nota, o sentido da adequação é mais nobre do que a mera perícia no movimento, pois aponta para além da simples prática. O deleite produzido, bem como o caráter livre da ação que o produz, podem ambos estar presentes, mesmo na ausência da adequação; não podem ser, portanto, critérios válidos de excelência.

Ou seja, ainda que a música seja produzida de forma livre e bem medida, e ainda que seja internamente elegante, graciosa e harmônica, e assim agradável a quem a produz e a quem a ela se expõe, antepõe-se a tudo isso o que é essencial à arte musical: tomar seu

¹² AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De Musica”, I, II, 2. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.

¹³ AUGUSTINUS HIPPONENSIS. “Retractationes”. I, VI. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 581-656; SANTO AGOSTINHO. *Retratações* (trad.: Agostinho Belmonte). São Paulo: Paulus, 2019, p. 56.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

objeto de estudo como ciência, em sua acepção mais digna, o que é, aliás, condição prévia do juízo acerca da conveniência. Neste ponto do diálogo, tal juízo é a expressão, poderíamos dizer, do nível do ajuste entre a modulação e o conhecimento que a fundamenta. Em síntese, a porção propriamente científica da arte, portanto, é o que deve balizar a medida numérica livremente conduzida, moderando o prazer – dir-se-ia atualmente e de modo inexato, “estético” – dela oriundo, bem como sua conveniência.

Uma vez que se trata, assim, do “bom uso” da modulação, e porque modular e modular bem não são, na verdade, o mesmo, a necessidade do advérbio *bene* impõe-se de forma contundente. Qualquer ator pode modular corretamente, desde que seja hábil e artificioso o suficiente, e que não se equivoque ao moderar os sons. Contudo, isso ainda não é, de modo próprio, a arte musical, cujo significado superior está para além da prática. “*Nam modulatio ad quemvis cantorem, tantum qui non erret in illis dimensionibus vocum ac sonorum; bona vero modulatio ad hanc liberalem disciplinam, id est ad musicam, pertinere arbitrandam est*”.¹⁴ A busca pelos princípios dessa disciplina significa, é claro, dirigir o olhar para além da dimensão simplesmente corpórea. Ao ultrapassar o âmbito da mera ordenação dos sons, a investigação dá um passo decisivo no caminho da consolidação da música como saber nobre e de caráter elevado.

II. *Scientia* e transcendência

Agostinho marca uma inequívoca distinção entre, de um lado, o desempenho do músico, e, de outro, o conhecimento verdadeiro da disciplina. A expressão “bem modular” é o termo da definição que nos permite avançar da música vulgar para a nobre ciência musical, vestígio divino na ordem corpórea. De fato, todas as coisas, uma vez que se radicam em Deus, a Ele se assemelham, ainda que de modo imperfeito. A proporção interna dos sons engendra a unidade e a beleza, traços divinos no universo,

¹⁴ “Estime-se, pois, que a modulação concerne a qualquer cantor, desde que não erre a medida dos sons e da voz, mas a boa modulação a uma disciplina liberal – no caso, a música.” – SANTO AGOSTINHO. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021, p. 34; AVGUSTINVS HIPONENSIS. “De Musica”, I, III, 4. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

pelos quais a alma remonta da obra ao Criador.¹⁵ É objetivo final do saber livre, cujo trato cabe ao mundo dos homens, alcançar a medida imutável, que reside na própria verdade eterna. Ou, nos termos do comentário de Agostinho ao Salmo 101, o Verbo divino “*vocans temporales, faciens aeternos*”.¹⁶

É na disciplina do estudo musical e na compreensão de seu caráter transcendente que se forma, assim, o juízo da modulação adequada e excelente. É com isso em mente que Agostinho, ao cabo da discussão em que se estabelece a definição de música, atenua mesmo o peso da questão sobre a diferença prática entre “modular” e “bem modular”. Não devemos nos preocupar, diz ele, senão com o princípio segundo o qual a música é a ciência da modulação. Uma vez tendo-o retido com clareza, devemos desprezar aquelas contendas verbais (*certamen verbi*), totalmente dispensáveis, uma vez que fecundam inúteis e intermináveis discussões que em nada contribuem na correta compreensão da arte musical.¹⁷

A inserção da discussão em torno das diferenças entre disciplina liberal e desempenho técnico, bem como o destaque da ascendência daquela sobre este, conduzem ao exame da *scientia*, conceito de tratamento indispensável e até então latente, cuja análise acontece de modo mais detido a partir do *caput* IV do Livro I do diálogo. Após ter lidado com a noção da ciência apenas em termos de uma certa pré-compreensão, e apenas o suficiente para conduzir a discussão até o momento atual, Agostinho entende que, agora, deve-se inquirir pelo sentido e pelas razões da presença desse termo na definição (M I, IV, 5). Trata-se de expor o caráter propriamente teórico da disciplina musical, emancipando-a do âmbito da operação mecânica.

¹⁵ GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 400-408.

¹⁶ “[...] chamas [os homens] de sujeitos ao tempo para fazê-los eternos.” – AVGVSTINVS HIPONENSIS. *Enarrationes in Psalmos* [2], CI, II, 10. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.

¹⁷ AVGVSTINVS HIPONENSIS. “De Musica”, I, III, 4. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

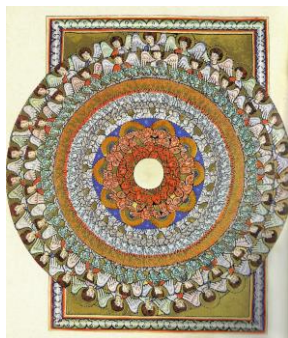
Do que foi dito, sabe-se que há atores que, mesmo cantando bem e com habilidade, isto é, bela e agradavelmente, e mesmo dotados de sensibilidade para as harmonias musicais, ignoram a dimensão científica do ofício ao qual se dedicam. Pergunta Agostinho: nessa condição, não seriam tais homens comparáveis aos animais (*bestiae*)? De fato, diz ele, parece que homens e bestas compartilham uma espécie de *sensus* que faculta a ambos a execução numericamente agradável. Ocorre de vermos alguns animais reagirem com movimento ao som do canto das aves; e mesmo as aves parecem se deleitar com seu próprio canto, e o fazem apenas graças ao prazer, sem nenhum outro propósito.¹⁸ O canto do rouxinol, por exemplo, além de apresentar “caráter numérico”, é belo e mesmo adequado à primavera; contudo, falta-lhe a ciência musical.

A sensibilidade de que a besta demonstra ser capaz, não sendo atributo da razão, não consiste em uma forma de saber. Ou seja, a eventual conveniência, se tomada no sentido do *sensus* compartilhado por homens e animais, não indica a presença do saber ordenado. Semelhante é a visão do autor em *De ordine*.

Deinde quis bonus cantator, etiam si musicae sit imperitus, non ipso sensu naturali et rhythmum et melos perceptum memoria custodiat in canendo? quo quid fieri numerosius potest? Hoc nescit indoctus, sed tamen facit operante natura. Quando autem melior, et pecoribus praeponendus? Quando novit quod facit. At nihil aliud me pecori praeponit, nisi quod rationale animal sum.¹⁹

¹⁸ Em *Política* (VIII, 5, 1340a; VIII, 6, 1341b), Aristóteles dizia que “há na música um prazer inerente à sua própria natureza”, que é capaz de afetar até mesmo alguns animais. ARISTÓTELES. *Política* (trad.: Mário da Gama Kury). Brasília: UNB, 1988, p. 276-281. BOUTON-TOUBOULIC, Anne-Isabelle. “Plaisirs et amour de la musique chez Saint Augustin”. In: SAINT AUGUSTIN. *De musica. Traité de la musique*. Paris: Éditions du Sandre, 2006, p. 7-8.

¹⁹ “Não existe também o bom cantor que, mesmo sem saber música, percebe com o sentido natural no canto tanto o ritmo como a melodia que ele conserva em sua memória? Pode-se fazer algo mais harmonioso do que isto? O ignorante não o sabe, mas o faz por artifício da natureza. Mas quando é melhor que os animais? Quando sabe o que faz. Nenhuma outra característica me distingue como superior ao animal senão que sou um animal racional.” – SANTO AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos. A ordem. A grandeza da alma. O mestre* (trad.: Agostinho Belmonte). São Paulo: Paulus, 2008, p. 248;



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

O homem demonstra ser superior aos animais por conhecer e elaborar bem as medidas e as proporções: *numeros cognoscendo, melior sum*. Eis o sentido do comedimento. Por ser uma forma de saber, a música – enquanto propriamente conhecimento – é superior à música sonora, que consiste na mera experiência de arranjo e apreciação dos sons visando o deleite. O *modus* é o pai da ordem²⁰, e a música não se reduz a um movimento provocado pelo instinto ou pela imitação, mas é, ao contrário, um conhecimento elevado, pela qual a alma decifra, pela intervenção da razão, a própria ordem divina gravada no mundo material. Ao ter conquistado esse continente, tem-se, de fato e com justeza, o que se denomina arte.²¹

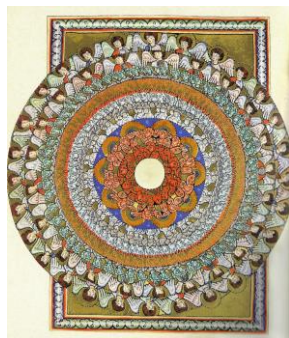
Além disso, a comparação entre a disciplina e o desempenho do artista “prático” leva em conta não apenas o que não há de científico na execução musical, mas também aquela preponderante busca pelo prazer, que nos afasta do ordenamento racional. Estorvada a razão pelo deleite da fruição, a natureza (*natura*) – tomada aqui no sentido de um “dom” inerente a um nível inferior – assume o controle. Nota-se uma clara indisposição por parte de Agostinho em colocar em classes equivalentes o músico simplesmente performático e o músico que se dedica à sua arte com verdadeira ponderação: é este quem pode conhecer, em sua alma, a realidade incorpórea da música.

Ao dedicar-se de modo meditado à sua atividade, o homem é capaz de encontrar no fundo dos sons musicais o significado verdadeiramente espiritual que só a razão pode conceber: é precisamente isso que permite que a música seja apreendida e estabelecida como arte liberal, e que o título de “músico” adquira mérito. Quando o homem, em seu trato com a música, despreza sua natureza específica – e com ela a tarefa primordial de

AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De ordine”, II, V, 14-15. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 977-1020.

²⁰ AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De ordine”, II, XIX, 50. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 977-1020.

²¹ CHARRU, Philippe. “Temps et musique dans la pensée d’Augustin”. In: *Revue d’études augustiniennes et patristiques*. v. 55/2. Paris: Sorbonne Université/IEA, 2009, p. 174-175.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

buscar a decifração dos traços da própria sabedoria divina inscrita na criação —, aproxima-se imprudentemente dos animais, e subverte a ordem natural.

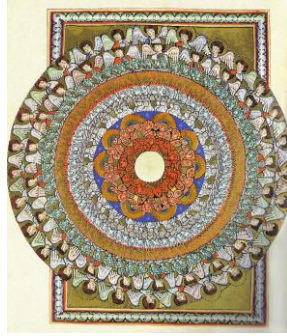
A arte livre da música consiste no estudo racional da proporção das coisas audíveis, e não deve ser operada em função do prazer resultante da beleza e da medida dos sons. A ciência não tem relação com o prazer.²² Seu propósito final é, segundo Agostinho, compreender a porção eterna e divina da harmonia sonora que, por sua vez, apresentasse corporalmente por meio de certa espécie de medida.

O caminho vertical no sentido da transcendência começa, portanto, pela realidade sensível e pela experiência da harmonia e da beleza, experiência sintetizada intelectualmente pelo estudo ordenado das disciplinas liberais. A conduta pela qual a alma busca a esfera incorporeal consiste nessa *exercitatio animae*, atividade que é moral e intelectual, e que tem, ao longo da produção agostiniana, diferentes compreensões e apresentações.²³ Em certo sentido, a ascensão da alma é análoga a uma iniciação filosófica, exercício do espírito que se lança na compreensão da beleza sem perder de vista a eternidade da qual aquela é sinal tangível. A questão, vale notar, é discutida em algumas ocasiões dos diálogos de Cassiciaco, frutos do mesmo ambiente intelectual em que surge no horizonte de Agostinho o projeto dos livros das disciplinas. Na oportunidade, recuperemos um pequeno trecho de um daqueles colóquios, o *De beata vita*.

Por ocasião do preâmbulo dedicado ao mestre e amigo Teodoro, Agostinho apresenta, como mote das discussões que se seguiriam, a eloquente alegoria do porto da filosofia. Na ocasião, seu objetivo é ilustrar a viagem do espírito que navega rumo à região superior da felicidade (*beatae vitae regio*), e que encontra em seu caminho a luz enganadora do rochedo do orgulho, elemento que representa a vanglória e as satisfações mundanas.

²² BOUTON-TOUBOULIC, Anne-Isabelle. “Plaisirs et amour de la musique chez Saint Augustin”. In: SAINT AUGUSTIN. *De musica. Traité de la musique*. Paris: Éditions du Sandre, 2006, p. 7.

²³ FITZGERALD, Allan. (dir.). *Encyclopédie Saint Augustin. La Méditerranée et l'Europe IV^e-XXI^e siècle*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005, p. 88-94.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

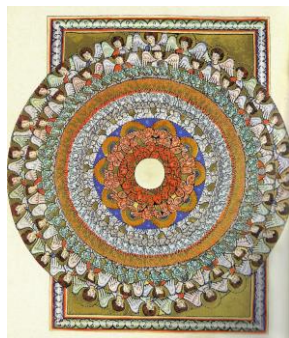
His autem omnibus, qui quocumque modo ad beatæ vitæ regionem feruntur, unus immanissimus mons ante ipsum portum constitutus, qui etiam magnas ingredientibus gignit angustias, vehementissime formidandus, cautissimeque vitandus est. Nam ita fulget, ita mentiente illa luce vestitur, ut non solum pervenientibus, nondumque ingressis incolendum se offerat, et eorum voluntatibus pro ipsa beata terra satisfactorum polliceatur; sed plerumque de ipso portu ad sese homines invitat, eosque nonnunquam detinet ipsa altitudine delectatos, unde caeteros despiciere libeat.²⁴

O diálogo *De beata vita* é tida como uma das mais importantes elaborações da Antiguidade sobre a questão da felicidade, que é definida por Agostinho como *gaudium de Veritate*.²⁵ No quadro da metáfora, o alto monte, embora ostente um brilho sedutor que se apresenta como a própria felicidade, é vazio e tenebroso em seu interior. Superficial e frágil, o rochedo engole nas trevas os orgulhosos que por ela ousam caminhar. Há um contraste entre, de um lado, a cativante luz exterior da montanha e, de outro, as trevas interiores que aprisionam aqueles que se deixam seduzir.

A fraude impõe aos navegantes – que a custo chegaram até ali, após enfrentar o mar aberto e revolto – um último e poderoso desafio, que só o reto exercício da disciplina espiritual é capaz de vencer. Ao brilho enganador do orgulho se opõe uma luz

²⁴ “Ora, todos estes homens que, por várias maneiras, são conduzidos para a região da felicidade devem afastar-se energeticamente e evitar com cautela um enorme rochedo que se ergue na própria embocadura do porto e causa grandes embaraços aos que nele entram. É que ele brilha de tal forma e está revestido de uma luz tão enganadora que se apresenta como se fosse a própria terra da felicidade, prometendo a satisfação dos desejos, não só aos que chegam e estão prestes a entrar, como também, frequentemente, aliciando os homens que já se encontram no porto e retendo-os, a maior parte das vezes, com a sedução daquela enorme altura, deliciando-os com um imponente espetáculo, os leva a desprezar todos os outros navegadores.” – SANTO AGOSTINHO. *Diálogo sobre a felicidade* (trad.: Mário A. Santiago de Carvalho). Lisboa: Edições 70, 2021, p. 23; AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De beata vita” I, 3. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 0959-0976.

²⁵ AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “Confessiones”, X, XXIII, 34. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, p. 659-868; PAVIANI, Jayme. “Alegoria do porto em Santo Agostinho: filosofia e vida feliz”. In: STEIN, Ernildo (org.). *A cidade de Deus e a cidade dos homens: de Agostinho a Vico*. Vol. I. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2004, p. 107-110.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

verdadeira, a luz interior da alma diligente. A trajetória anagógica não é, portanto, apenas ascendente, mas é também um voltar-se da alma para si mesma, guiada pela luz divina: eis a disposição racional que está na base do cultivo das artes liberais, em sua mais nobre perspectiva.

Conclusão

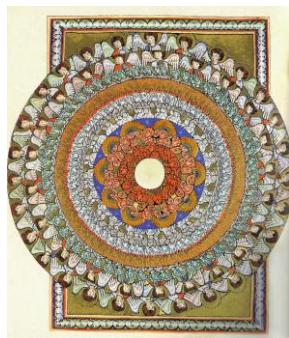
Seria necessária uma tremenda limitação espiritual, diz Agostinho, para que alguém duvidasse do governo de Deus sobre a racionalidade que se verifica na medida dos entes corporais. Analogicamente, seria como dispor apenas de um campo de visão limitadíssimo, que não permitisse enxergar, num vasto piso adornado, senão um único ladrilho, e por isso censurar o artesão por julgá-lo incapaz de conjugar as figuras e dispô-las simetricamente. Convém que o homem, uma vez tendo descoberto essa fraqueza, capacite-se a enfrentá-la e que, por meio da meditação, assuma a tarefa superior de descobrir e cultivar a riqueza específica de sua alma, a razão.

A alma racional é o ser mais próximo de Deus. É essa a visão agostiniana mesmo já antes do desfecho de seu processo de conversão, imortalizado pela narrativa do episódio do jardim de Milão.²⁶ Nos termos já maduros das *Confessiones*, trata-se de voltar o olhar ao profundo abismo (*in imo abyssis*), ao *grande profundum* da vida interior, que Deus contempla e ilumina com misericórdia.²⁷

É notável que, em seu curso de conversão, a experiência do conhecimento e o caminho que conduz a Deus tenham amiúde se revelado a Agostinho também como uma certa

²⁶ AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “Confessiones”, VIII, XII, 28-29. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, p. 659-868.

²⁷ AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “Confessiones”, VIII, XII, 28-29. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, p. 659-868; FITZGERALD, Allan. (dir.). *Encyclopédie Saint Augustin. La Méditerranée et l'Europe IV^e-XXI^e siècle*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005, p. 90.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

metafísica da interioridade.²⁸ Os termos dessa nova condição são esboçados filosoficamente no período em que surgem os diálogos de Cassiciaco, bem como o estudo sobre a música – ainda que algumas questões fossem, na ocasião, algo desafiadoras para aqueles interlocutores. Pórtico da própria *conversio*, a dedicação do estudioso – e do filósofo e do homem cristão – à elevação anímica termina por ser o propósito final das disciplinas liberais. Estas têm, no plano pedagógico que Agostinho infelizmente não levou a cabo, capacidade verdadeiramente curativa, catártica, pois iluminam o caminho rumo ao continente superior. “*Quod ii tantum assequuntur, qui plagas quasdam opinionum, quas vitae quotidianae cursus infligit, aut solitudine inurunt, aut liberalibus medicant disciplinis*”.²⁹

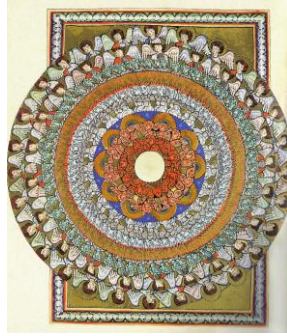
Na ausência da disciplina espiritual, o homem é para si mesmo *incognitus*; é por meio dessa disciplina, que opera na tensão entre as esferas tangível e intangível, que se abre o caminho à morada eterna e silenciosa, *ab omni corpore aliena*.³⁰ Agostinho considera que é desse modo que o homem deve se aplicar no estudo das artes livres, e notadamente na prática musical, desde que não renuncie à sua inclinação mais íntima: assentar no espírito os princípios de um conhecimento nobre, que instrui a alma no caminho anagógico. “*Cum autem se composuerit et ordinaverit, ac concinnam pulchramque reddiderit, audebit jam Deum videre, atque ipsum fontem unde manat omne verum, ipsumque Patrem Veritatis*”.³¹ Daí

²⁸ Como prefere Novaes Filho, uma “cosmologia introspectiva” (NOVAES FILHO, Moacyr Ayres. *A razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Santo Agostinho*. São Paulo: Discurso Editorial, 2007, p. 167 et seq.).

²⁹ “Alcançam isto somente aqueles que, ou cauterizam pelo retiro certas feridas de opiniões que o curso da vida quotidiana lhes inflige, ou as medicam pelas artes liberais.” – SANTO AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos. A ordem. A grandeza da alma. O mestre* (trad.: Agostinho Belmonte). São Paulo: Paulus, 2008, p. 162; AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De ordine”, II, V, 14-15. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 977-1020.

³⁰ “[I]nimiga de todo o corpo.” – SANTO AGOSTINHO. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021, p. 214; AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De Musica”, I, III, 4. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.

³¹ “Mas quando a ama se adorna e se ordena e se torna harmoniosa e bela, ousará ver a Deus e a mesma fonte de onde mana toda a verdade e ao próprio Pai da Verdade.” – SANTO AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos. A ordem. A grandeza da alma. O mestre* (trad.: Agostinho Belmonte). São Paulo:



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

que, aos olhos de quem conhece a verdadeira força dos números e dos ritmos, observa Agostinho, parecerá indigno que alguém, mesmo que componha melodias maravilhosas, permita que sua alma seja capturada pela dissonância do mundo corpóreo.

Relembremos a célebre reflexão que está na origem das *Confessiones*: uma vez que somos destinados a Deus, inquietamo-nos, *inquietum est cor nostrum*, até que o termo se cumpra.³² A nostalgia da eternidade é o que conduz Agostinho, afinal, para além do saber das coisas tangíveis. No caso particular da música, a jornada rumo ao silêncio imutável começa logo que a razão dá seus primeiros passos no sentido de uma decifração da natureza divina da medida. Em *De musica*, livro I:

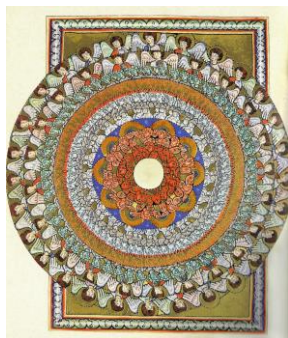
Quamobrem cum procedens quodammodo de secretissimis penetralibus musica, in nostris etiam sensibus, vel his rebus quae a nobis sentiuntur, vestigia quaedam posuerit; nonne oportet eadem vestigia prius persequi, ut commodius ad ipsa si potuerimus, quae dixi penetralia, sine ullo errore ducamur?³³

Tais vestígios, que são o conhecimento da rítmica e da métrica, são como marcas do caminho, cuja decifração pode nos conduzir àquele sacrário que é sua origem. Toda ordem sensível – os acidentes das melodias, o arranjo interno das palavras e dos sons, bem como o movimento corporal empenhado e mesmo o prazer da fruição que dele resulta – todas essas peças encontram seu princípio incorpóreo ordenador na qualidade imutável, na justa medida divina, natureza eterna que se imprime nas coisas do mundo.

Paulus, 2008, p. 249; AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De ordine”, II, V, 14-15. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 977-1020.

³² AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “Confessiones”, VIII, XII, 28-29. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, p. 659-868.

³³ “Por essa razão, se, dimanando como se de secretíssimos sacrários, a música deixou certos rastros em nossos sentidos e nas realidades que sentimos, será que não convém rastreá-los primeiro, a fim de que mais comodamente e sem erro algum nos conduzamos, se pudermos, até os sacrários que mencionei?” – SANTO AGOSTINHO. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021, p. 65-66; AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De Musica”, I, XIII, 28. MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Espirit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

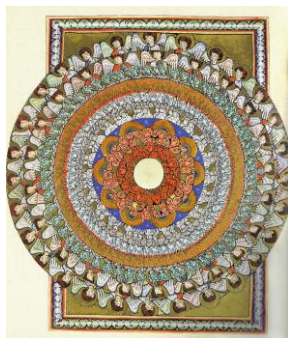
Isso ocorre pela disposição natural da música – ou, mais exatamente, pela ciência musical enquanto arte liberal –, que convida e guia o espírito, serenamente, no sentido da transcendência.

Fontes

- ARISTÓTELES. *Política* (trad.: Mário da Gama Kury). Brasília: UNB, 1988.
- AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De Musica”, I, III, 4. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.
- AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “Confessiones”, VIII, XII, 28-29. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, p. 659-868.
- AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De beata vita” I, 3. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 0959-0976.
- AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De Musica”, I, III, 4. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 1079-1194.
- AVGVSTINVS HIPPONENSIS. “De ordine”, II, V, 14-15. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 977-1020.
- AUGUSTINUS HIPPONENSIS. “Epistola CI”. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 33, 61-1094.
- AUGUSTINUS HIPPONENSIS. “Retractationes”. I, VI. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina*, PL 32, 581-656.
- HUGO DE S. VICTORE. *De scripturis et scriptoribus sacris* (*Patrologia latina*, vol. 175. J. P. Migne, ed. Parisiis: excudebat Migne, 1854).
- SANTO AGOSTINHO. *Retratações* (trad.: Agostinho Belmonte). São Paulo: Paulus, 2019.
- SANTO AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos. A ordem. A grandeza da alma. O mestre* (trad.: Agostinho Belmonte). São Paulo: Paulus, 2008.
- SANTO AGOSTINHO. *Diálogo sobre a felicidade* (trad.: Mário A. Santiago de Carvalho). Lisboa: Edições 70, 2021.
- SANTO AGOSTINHO. *A música* (trad.: Érico Nogueira). São Paulo: Paulus, 2021.

Bibliografia citada

- BOUTON-TOUBOULIC, Anne-Isabelle. “Plaisirs et amour de la musique chez Saint Augustin”. In: SAINT AUGUSTIN. *De musica. Traité de la musique*. Paris: Éditions du Sandre, 2006, p. 5-21.



Humberto Schubert COELHO (org.). *Mirabilia Journal* 39 (2024/2)
The Kingdom of the Spirit. The Transcendent, from the Ancient World to the Renaissance
El Regne de l'Esperit. El Transcendent, del Món Antic al Renaixement
El Reino del Espíritu. Lo Trascendente, del Mundo Antiguo al Renacimiento
O Reino do Espírito. O Transcendente, do Mundo Antigo ao Renascimento

Jun-Dic 2024
ISSN 1676-5818

- CHARRU, Philippe. "Temps et musique dans la pensée d'Augustin". In: *Revue d'études augustiniennes et patristiques*. v. 55/2. Paris: Sorbonne Université/IEA, 2009, p. 171-188.
- FAGUNDES, Claudiberto. *'De musica', diálogo filosófico de Agostinho de Hipona: introdução, tradução e notas*. Porto Alegre: Tese de Doutorado em literatura comparada, UFRS, 2014.
- FITZGERALD, Allan. (dir.). *Encyclopédie Saint Augustin. La Méditerranée et l'Europe IV^e-XXI^e siècle*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005.
- GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2010.
- MARROU, Henri. *Saint Augustin et l'augustinisme*. Bourges: Éditions du Seuil, 1959.
- NOVAES FILHO, Moacyr Ayres. *A razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Santo Agostinho*. São Paulo: Discurso Editorial, 2007.
- PAVIANI, Jayme. "Alegoria do porto em Santo Agostinho: filosofia e vida feliz". In: STEIN, Ernildo (org.). *A cidade de Deus e a cidade dos homens: de Agostinho a Vico*. Vol. I. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2004.